

## COMENTÁRIO DO SITE

### Lição 9 – RED – 26/08/12 – “Provai e vede que o Senhor é bom”

\* favor ler as observações no final deste texto

#### TÓPICO

“Oh! Provai, e vede que o Senhor é bom...” Salmo 34:8a (Ed. Revista e atualizada)

Carlos (nome fictício) sabe que precisa chegar mais perto de Deus e que precisa entregar áreas de sua vida que ainda não estão rendidas ao senhorio completo dEle.

Ele sente e reconhece essa necessidade. Afinal, Carlos quer ser um cristão melhor. Quer abandonar certas práticas pecaminosas que atrapalham a sua comunhão com Deus e, simplesmente, não tem forças para vencê-las. Então, hoje Carlos tomou a decisão de “chamar a atenção de Deus”. Carlos abre a sua agenda e verifica, nas anotações do dia, que ele programou algumas opções para que Deus possa “levá-lo mais além”:

- ( ) Fornalha de fogo ardente ( ) Ventre de um grande peixe ( ) Vale da sombra da morte
- ( ) Deserto

Lendo o versículo que abre o nosso comentário, sabemos que não é necessário provar que Deus é bom para nós. Isso, nós já sabemos (ou, pelo menos, deveríamos saber). E Deus, muito menos, tem necessidade de que a Sua bondade seja autenticada por nós. O meu argumento é de que o que realmente precisa-se provar aqui é se a nossa fé, seja qual for o tamanho dela, está depositada no banco Bondade de Deus. Afinal, a segunda parte do versículo é complementarmente fatal: “bem-aventurado o homem que nele confia”.

Voltando a nossa cena inicial, Carlos então, desta vez, escolhe, voluntariamente, pedir o deserto.

A história acima parece meio louca, não?

Afinal, nós sempre temos a tendência de vermos um Deus que é bom porque dá as coisas que precisamos, porque nos protege, nos livra, nos guarda, nos isso, nos aquilo e, acabamos criando, no nosso imaginário, um deus “Alfred” (sabe, o mordomo?), que está sempre pronto para nos servir, “quebrar os nossos galhos”. E é exatamente assim que imaginamos o lado bondoso de Deus. Para nós, bondade tornou-se sinônimo de receber presentes, coisas boas e, tudo o que estiver fora desse parâmetro, não é aceitável. E quando a bondade de Deus foge da nossa concepção, entramos em crise.

Por esta razão é que nos parece louco que o nosso personagem acima, ao abrir a agenda, tenha em sua programação pedir para que Deus o leve para o deserto. É loucura conceber que Deus possa nos levar ao deserto, ou ao vale da sombra da morte, ou nos lançar na cova dos leões ou fazer com que passemos uma temporada no ventre de um grande peixe, exclusivamente em nome da Sua bondade.

E aí, quando comparamos os nossos parâmetros de bondade com os parâmetros de Deus, ali identificamos contrapontos e, então, surgem os questionamentos: Porque Deus? Porque a luta? O sofrimento?

Quem, em sã consciência, faria a sua primeira oração do dia dizendo para Deus: “Deus, eu sinto que estou longe de Ti, então Deus, eu te peço que hoje Tu me leves para o deserto, pois quero que meu EU vire pó diante de Ti”? Certamente a nossa oração seria: “Deus, me livra desse deserto em que estou caminhando. Tá muito calor.. não aguento mais”.

No episódio descrito pelo Pr. Marcos Elias, no contexto histórico (RED, p.41), que envolve o rei Abimeleque e Davi, vemos que o salmista encheu seus lábios de palavras de afirmação e gratidão. Tal declaração é resultado de um momento em que ele se viu em laços de morte e, lá, no meio do furacão, ele sabia que servia a um



Deus que é bom, independentemente do que poderia resultar daquele encontro: a vida ou a morte de Davi. Fosse o resultado que fosse, Davi confiou na supremacia de Deus. Na sua bondade. Ele tinha experiências próprias com Deus.

Voltemos então, à colocação anterior: a dúvida aqui não é saber se Deus é realmente bom. Isso está completamente fora de cogitação. É ponto pacífico. Deus é bom! A dúvida aqui é se realmente nós confiamos em Deus de tal maneira a nos entregarmos aos Seus propósitos e provações, independentemente do resultado, se vida ou se morte, desde que saibamos que estamos em Suas mãos e que Ele é bom! Isso nos ensina que a bondade de Deus não precisa necessariamente convergir para os resultados que achemos mais convenientes, satisfatórios ou confortáveis para nós. Isso coloca por terra os nossos conceitos de bondade-listadepresentes.

Vejamos a crucificação de Cristo. A bondade de Deus, por nós, resultou no sacrifício vicário de Seu único Filho.

Deus mostrou a Sua bondade para conosco, utilizando-se do sacrifício de Cristo para produzir bondade para conosco. Viram?



Bem, vou tentar sustentar mais um pouco a minha argumentação de que o “provai” é mais no sentido de colocar a si mesmo em prova e não a Deus.

No dicionário, uma das definições de “provai” é *conhecer por experiência própria*.

O Salmista, na minha opinião, quando fala “provai”, está fazendo um desafio para nós, cristãos: o de conhecermos a Deus por experiência própria e não pela experiência de terceiros, não só de ouvir falar (e, convenhamos, que Davi estava com o seu currículo cheio de experiências próprias).

Quem precisa conhecer a Deus, somos nós. Ele, já nos conhece antes da fundação do mundo.

Digo isso porque a palavra “provai”, liberada pelo salmista, está longe de ter uma conotação de *convite*, “ó venham provar o cardápio da bondade de Deus que está cheio de coisas boas e maravilhosas” ou mesmo, de um significado de *escolher* ou *optar por coisas boas*, do tipo daquelas escolhas que podemos fazer quando chegamos naqueles painéis luminosos do McDonalds, de onde saltam o Triplo Cheeseburger, o Big Mac ou a Torta de Chocolate com Morango. Hummm!

Mas, *água na boca* à parte, se focarmos o sentido de busca de experiências com Deus, “provai” não nos dá, a nossos olhos, opções de coisas boas. As opções que temos são de puras provas, cujos resultados em si, são eternos: nos levam à verdadeira intimidade com Ele.

A intimidade com Deus é resultado de experiências próprias. A fábrica de intimidade com Deus, chama-se

“Prova”. O “provai” aqui é estar disposto a colocar a si mesmo na prova!

Se quisermos andar nos lugares altos com Deus, vá no supermercado celestial e compre produtos da “Prova”. Então, provai não é uma opção, é uma necessidade.

Deus adora servos ousados. Servos que se lançam. Servos proativos. Servos que se proponham a desafios.

Só que não é um desafio tipo “*quer ver eu colocar Deus na parada e Ele mandar seus anjos rapidinho prá me acudir?*”, ou, nem um desafio banal e imprudente como “*comprei esse carrão importado, de R\$ 100.000,00, que vou pagar em 70 prestações. Eu ganho 2 salários, mas, vou provar e ver se o Senhor é bom*”. Isto não é desafio. Isso é pegar o telefone e chamar o “marido de aluguel”, para consertar o vazamento na pia da cozinha.

O desafio, o “provai” a que me refiro, é assim do tipo “*Deus, podes me levar para uma temporada no deserto? Estou precisando matar mais um pouquinho do meu EU... Meu Deus, sei que o que estou pedindo é desafiador. Quero, Senhor, provar para Ti, apesar do lugar ao qual me proponho a ir, lugar esse que minha carne não gostaria de estar e que está recheado de dificuldades, que lá, naquele lugar, ermo e inóspito, eu confio que Tu estarás lá comigo. Sei que não estarei só. Também meu Deus, quando lá estivermos, não vou pedir que me dê sombra para suportar o sol escaldante e nem abrigo, para me aquecer contra o frio da noite. Só quero provar para Ti que eu confio nas Tuas ferramentas de ensino e que eu sei que Tu és bom.*” E, ponto final.

Eu dizer que “Deus é bom” não é pedir para ir para o deserto contando que quando lá chegar eu já sei que a bondade de Deus vai trazer alguns confortos.

Não é pedir pelo favor de Deus para que, enquanto estivermos no deserto, Ele ligue um potente ar condicionado, ou que nos ofereça um oásis com muita sombra e, como diz o gaúcho, com um “baita piscinão”. Quando nós nos desafiamos a ir para o deserto, de forma voluntária, automaticamente realizamos a matrícula em um curso

de qualificação. É como se o deserto fosse uma sala de aula e, os elementos naturais lá presentes, os professores. E que quadro de professores, hein? A Sra. “Areia Quente”, muito disciplinada e sisuda, nos ensinaria que precisamos cuidar bem onde colocamos os nossos pés. Já, o professor “Frio Abaixo de Zero”, apesar da sua frieza, nos ensinaria que não podemos nos afastar do calor do fogo do Espírito. E a aula da professora “Tempestade de Areia Fina” então? Ela certamente nos ensinaria que é preciso determinação para prosseguirmos para o alvo, apesar dos ventos contrários e das areias que se levantam dos reinos deste mundo, prontas para nos afundar. Também, não podemos esquecer que as Sras. “Falta d’Água” e “Desidratação”, são especialistas em ensinar que diariamente precisamos beber da água da fonte da vida.



Lembram lá em cima, quando perguntei sobre quem é que, em sua consciência, compraria uma passagem para o deserto?

Bem, agora tentando responder, poderíamos dizer: “ninguém”.

Mas, pense bem: Você já percebeu que, todos os domingos à noite, nós pedimos para que Deus nos leve ao deserto?

Concorda? Sim ou não?

Vejamos: você concorda que tudo o que nós fazemos ou dizemos no mundo físico, sempre terá uma amplitude milhares de vezes maior, no mundo espiritual?

Se ofendemos alguém, pode ser com uma simples palavra, tal ofensa retumba como som de trovão nas estruturas mundo espiritual.

Se amaldiçoamos ou abençoamos alguém, da mesma forma nossas palavras serão registradas.

Pois bem. E o que fazemos todos os domingos à noite, no momento do louvor?

Por acaso não declaramos, em alto e bom tom, para que todos os seres espirituais ouçam e para que sejam registradas em todas as fronteiras do mundo espiritual, palavras como “*leva-me além*”, “*seja o centro*”, “*se eu me humilhar diante do teu altar*”, “*mais vale um dia no centro do teu querer*”, “*mexe com minha estrutura*”, “*faz um milagre em mim*”, “*Jesus te entronizamos*”, “*oh, oh, vem Jesus e toma o Teu lugar*”, etc??

Em outras palavras, não estamos declarando para Deus, ainda que às vezes de forma mecânica, Deus “me leve para o deserto”, “me leve para o deserto”, “me leve para o deserto”? E Deus ouve! E Deus leva a sério! Deus não brinca! Afinal, estamos em um culto onde foi invocada a presença d’Ele. E Ele vem.

Queremos que Cristo seja o centro, que Ele mexa com a nossa estrutura, que Ele tome o Seu lugar, sem que haja uma completa renúncia do EU? E como renunciaremos o nosso EU se não formos provados?

“Provai e vede que o Senhor é bom”. Se te falta renunciar algo na tua vida, peça uma passagem para o deserto.

Em outras palavras, o salmista, na minha opinião, está dizendo:

*“Eu te desafio a pedir para Deus para que te leve ao deserto se quiseres ser um servo melhor.*

*Então tu verás, independente do processo que Ele utilizará para te moldar, independente do resultado (se vida ou se morte), que Ele é bom!”*

Aceitaremos o desafio do Salmista? Você escolheria ir para qual lugar hoje? O que você gostaria de saborear? Escorpiões do deserto ou um McChicken?

### **OBS:**

1) Lembramos que o texto acima, intitulado “Comentário do Site”, é resultado das reflexões do responsável pelo site, quando da leitura do texto do comentarista da lição, publicado na RED. Portanto, é estritamente pessoal. O objetivo do nosso texto, publicado no site, é de que sirva de subsídio opcional para os professores da EBD no preparo da lição e, de forma alguma, pretende-se substituir os textos originais, produzidos pelos experientes homens e mulheres de Deus que escrevem os comentários da RED;

2) Autor: Igmar de Freitas